

# O estatuto semiótico da surpresa em “A Força do Sangue” de Miguel de Cervantes

The semiotic status of surprise in “The Power of Blood” by Miguel de Cervantes

Valdenildo Dos SANTOS<sup>63</sup>

**RESUMO:** A surpresa se relaciona com o evento inesperado, em que o sujeito surpreendido é tomado de sobressalto, porque não tem consciência do que vai acontecer, fica atônito, é possuído por um espanto. Seria, pois, a surpresa, uma paixão semiótica? Qual, afinal, o seu estatuto? Neste fazer interpretativo, procura-se descrever, a partir dos deslocamentos espaciais de duas famílias, uma representante da fidalguia e outra da nobreza, a confrontação de duas classes sociais na Espanha do século de ouro, designação do período clássico em que ocorre o apogeu da cultura espanhola, compreendida desde o Renascimento do século XVI até o Barroco do século XVII. As reflexões aqui postas inspiram-se em Algirdas Julien Greimas, Jacques Fontanille, Claude Zilberberg dentre outros, na perspectiva de mostrar os efeitos de sentido passionais da surpresa na obra englobada da coleção novelas exemplares (1613-1614), também conhecidas como de instâncias, de Miguel de Cervantes, segundo alguns críticos, por simples convencionalismo próprio da época, ou por questão de estética, ou ainda porque podem servir de exemplo às gerações vindouras.

**PALAVRAS-CHAVES:** A Força do Sangue, Miguel de Cervantes, Semiótica, Paixões, Surpresa.

**ABSTRACT:** The surprise is related to the unexpected event, in which the surprised subject is startled, because he is not aware of what will happen, he is astonished, he is possessed by an astonishment. Was it, then, surprise, a semiotic passion? What, after all, is its status? In this interpretive work, we seek to describe, from the spatial displacements of two families, one representative of the nobility and another of the nobility, the confrontation of two social classes in Spain of the golden century, designation of the classic period in which the apogee of the Spanish culture, from the Renaissance from the 16th century to the Baroque of the 17th century. The reflections here are inspired by Algirdas Julien Greimas, Jacques Fontanille and Claude Zilberberg among others, with the aim of showing the passionate effects of surprise in the work included in the collection of exemplary novels (1613-1614), also known as instances, Of Miguel de Cervantes, according to some critics, by simple conventionalism of the time, or because of aesthetics, or because they can serve as an example to the generations to come.

**KEY-WORDS:** The Force of the Blood, Miguel de Cervantes, Semiotics, Passions, Surprise.

---

<sup>63</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP; Professor adjunto IV da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em pos-doutoramento na Purdue University, West Lafayette, Indiana; E-mail: [lavsotnas@hotmail.com](mailto:lavsotnas@hotmail.com).

## Introdução

A Semiótica interessa-se pela competência modal do sujeito que faz a transformação. As investigações incidem então menos sobre a ação e mais sobre a manipulação (BARROS, 1995, p. 85-8). A modalização é a modificação de um predicado por outro (GREIMAS, 1983, p. 71):

- a) os que querem ou devem fazer,
- b) os que sabem e podem fazer;
- c) os que fazem.

Os que fazem são aqueles que após estarem atualizados (apreensão de um predicado do ponto de vista das condições de realização) o realizam. A distinção entre /querer-fazer/ e /fazer/ reside no fato de que, no primeiro, uma série de roteiros é possível, enquanto no segundo, não. A diferença entre o atualizado e o realizado permite, pois, estabelecer potencializações, o que possibilita analisar fatos que parece contrariarem a lógica narrativa (cf. FONTANILLE, 1995, p. 175-90).

Com as modalizações do ser (GREIMAS, 1983, p. 93-102) o estudo das modalidades do fazer levou à investigação das condições necessárias para a realização da ação. É preciso verificar que o sujeito de estado também pode ser modalizado: querer ser, dever ser, saber ser, poder ser.

O objeto é desejável para ele, enquanto ele é um sujeito desejoso. Por isso, poder-se-ia afirmar, com mais propriedade, que a modalização do estado incide sobre o objeto, ou mais particularmente, sobre o valor nele investido e que isso repercute na existência modal do sujeito. É o objeto desejável que faz o sujeito desejoso; é o objeto necessário que faz o sujeito necessitado.

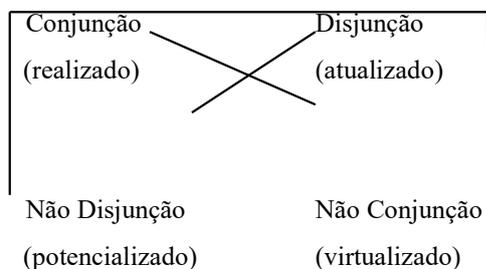
Partindo deste princípio, vejamos o estatuto semiótico da surpresa, considerando que é a partir dela que se desencadeia uma sequência de cenas que mostram, em Leocádia, sujeito paciente, de um estado de alma repleto de disforias e

que busca desesperadamente reconquistar a honra perdida, na ação surpresa do sujeito do fazer, Rodolfo.

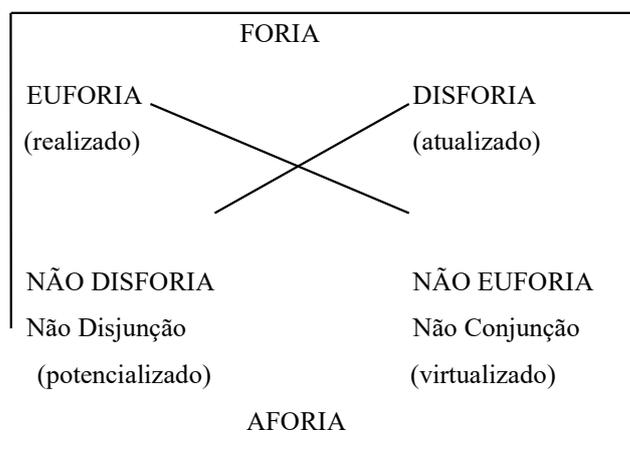
### O primeiro elemento de uma paixão

Um valor eufórico no nível fundamental converte-se em objeto desejável no nível narrativo, enquanto um valor disfórico torna-se um objeto temido: o primeiro elemento para determinar uma paixão é o valor investido na categoria fundamental, pois os termos eufóricos serão convertidos em querer ser ou não querer não ser, enquanto os termos disfóricos serão transformados em não querer ser ou querer não ser:

Na elaboração de Greimas e Fontanille, o sujeito, em relação a sua situação conjunta, pode ser virtualizado, quando está não conjunto, atualizado, ao estar disjunto e realizado ao estar conjunto com o objeto. Explicam, ainda, que a “não-disjunção” define uma posição e modo do sujeito existir que não havia postulado até aquele momento, o que vão chamar de “sujeito potencializado” “na medida que ele resulta de uma negação do sujeito atualizado e é pressuposto pelo sujeito realizado” (1993, p. 53). Desta forma, há três tipos de sujeitos: discursivo, narrativo e operador das estruturas elementares da significação. Nesta configuração, o sujeito potencializado seria o detentor da tensão “que aparece no espaço da foria” (1993, p. 53).



A foria é o estado de consciência do sujeito, em oposição à aforia, a falta da consciência. A primeira situa-se a euforia e a disforia e a segunda, entre a não-disforia e a não-euforia, como vemos no quadrado semiótico das modalidades tímicas:



### Como são vistas as paixões

As paixões são vistas como efeitos de sentido de qualificações modais que alteram o sujeito de estado, sendo observada como uma modalidade do ser ou um arranjo das modalidades, sejam elas compatíveis ou incompatíveis (GREIMAS, 1983, p. 225-46). O estado de alma disfórico em que nos encontramos com a infelicidade mostra-a como um querer ser aliado a um saber não poder ser, enquanto o alívio reúne um querer ser a um saber não poder não ser (BARROS, 1989-1990, p. 63), em que teríamos o relaxamento de uma tensão, por exemplo. O sujeito infeliz é volitivo, ele continua a querer embora saiba que não pode ter, apesar de ter ciência de que há uma impossibilidade evidente da sua conjunção. O sujeito alivia a tensão, passando ao relaxamento, aceitando o que sabe que é inevitável, quer dizer, seu desejo ocorre porque não há mais nada que possa fazer.

## Os tipos de paixões

As paixões podem ser simples ou complexas, como resultantes de uma única modalização do sujeito, como a cobiça que se define por um querer-se, estado passional que não exige percurso modal anterior. Já as complexas são as que resultam do encadeamento de vários percursos, como a raiva ou a resignação, ambas presentes na vida de Leocádia.

Vinha o bom fidalgo e sua honrada família com a segurança que oferecem a justiça e a boa gente daquela cidade, longe de pensar que algum desastre pudesse acontecer-lhes, mas, como a maior parte das desgraças que acontecem são inesperadas, aconteceu-lhes, sem que esperassem, sofrer uma dessas desgraças que lhes levou a alegria e os fez chorar por muitos anos. (CERVANTES, p. 43)<sup>64</sup>

É aqui, neste complexo que nos encontramos com Leocádia, actante-sujeito principal, ao lado de Rodolfo, na trama de Miguel de Cervantes. Depois de raptada, com os olhos vendados, em que é tomada de surpresa por Rodolfo e seus companheiros, Leocádia vive o momento de tensão, alcançando o relaxamento após o violento ataque de Rodolfo que lhe tira a honra, quando acorda num quarto escuro, a mesma escuridade das vendas. É o tipo de sujeito que passa pela extrema infelicidade e recobra à vida, sem querer mais viver. Pede a morte e a morte não vem. Sem ter o que fazer, vai em busca de um contrato de confiança, uma fíducia em que promete poupar seu agressor se a deixar ir de volta para casa.

## O Estatuto da surpresa

<sup>64</sup> visitado em 22 de Março de 2016 em [https://2607f6fd029a7ffce5fe493e3a880ff68a016d50.googledrive.com/host/0B\\_U9BWdq95PQT2RQVnFMMVh5TWc/Cervantes%20-%20Novelas%20Exemplares.pdf](https://2607f6fd029a7ffce5fe493e3a880ff68a016d50.googledrive.com/host/0B_U9BWdq95PQT2RQVnFMMVh5TWc/Cervantes%20-%20Novelas%20Exemplares.pdf).

O dicionário Aurélio traz, pelo menos, seis definições. Destas seis definições, verifiquemos cinco delas:

1. Ato ou efeito de surpreender ou de ser surpreendido.
2. Espanto (causado por algo inesperado).
3. Sobressalto; perturbação; pasmo.
4. Ação calculada pela qual se pretende agradar ou ser útil a alguma pessoa sem esta o prever.
5. Prazer inesperado.

Destas definições, o que podemos abstrair é que a surpresa se relaciona com o evento inesperado, em que o sujeito surpreendido é tomado de sobressalto, porque não tem consciência do que vai acontecer, fica atônito, é possuído por um espanto, do inglês “astonishment”, conforme bem define o *The Free Dictionary Online by Farlax*<sup>65</sup>. Esse espanto surge justamente pelo sujeito não ter consciência prévia, por ser a surpresa *The act of taking unawares*.

Este evento inesperado e repentino, “a sudden or unexpected event” tem ainda como sinônimo “an attack or assault made without warning”. É exatamente o que ocorre com o Fidalgo e sua família. Quando acham que se foram, Rodolfo e seus amigos voltam e os surpreendem e sua cruel ação culmina com esse ataque bruto em que Leocádia é tomada de assalto, tem seus olhos vendados e é raptada para depois ser violentada.

A ação, por parte de Rodolfo e seus rapazes, é calculada, mas procura agradar a si mesmo, sem dar chance ou oportunidade de reação à sua presa. É por isso que o estatuto da surpresa tem esse caráter dual: pode ser, neste caso, eufórica para Rodolfo, porque o fato inesperado, não permite que o adversário preveja o atentado, ficando fragilizado, o que é uma característica disfórica, posto que Leocádia é

<sup>65</sup> <http://www.thefreedictionary.com/surprise> visitado em 07 de abril de 2016.

raptada e, em seguida, violentada, numa sucessão de eventos ou consequências, como a perda da virgindade, da honra que gera o desejo de morrer.

José Luiz Fiorin equipara a surpresa à sensação, no sentido de que esta última se define por “surpresa ou grande impressão causada por um acontecimento invulgar” (2007, p. 11), sendo “pontual”. A pontualidade, segundo Greimas e Courtés, “é o sema aspectual que se opõe, paradigmaticamente, ao de duratividade; caracteriza o processo pela ausência de duração” (1979, p. 363), constituindo-se, portanto, numa categoria aspectual, aquela da pontualidade/duratividade.

Afirmam os semioticistas que “do ponto de vista sintagmático, a pontualidade pode marcar, quer o início do processo (é, então, dita incoatividade), quer seu fim (será, então, denominada terminatividade) com a duratividade (1979, p. 363). É assim que a pontualidade “constitui uma configuração aspectual”, porque é pela “ausência de duração de um processo” que se “neutraliza a oposição entre o incoativo e o terminativo” (1979, p. 363). A surpresa assume, assim, esta configuração passional, posto que pela sua pontualidade, dá início ao processo de tensão, destituindo os actantes Leocádia e sua família do relaxamento e, neste sentido, é incoativa. É ali que começa e desencadeiam-se seus elementos passionais na trajetória de Leocádia.

Algirdas Julien Greimas e Jacques Fontanille em *Semiótica das paixões* inserem a “surpresa” nas paixões relacionadas à descoberta, como a “admiração”, o “espanto” e o “estupor” (1993, p. 23). Todas estas paixões trazem à tona a tensividade ainda não-polarizada em euforia/disforia, devido a concepção semiótica de narrativa relacionada à narratividade, à moda de Emile Benveniste, “uma dada propriedade que caracteriza certo tipo de discurso e a partir da qual serão distinguidos os discursos narrativos dos discursos não narrativos” (2012, p. 328).

São as transformações de estados, realizadas pelo fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo ou com os estabelecimentos e rupturas de contratos entre destinador e destinatário, dos quais depende a comunicação entre sujeitos (GREIMAS & COURTÉS, 2012, p. 328-330) que geram a narratividade. Há essa

sucessão de estados na vida de Leocádia, de detentora da hora à desonrada, de relaxada num passeio junto à família à tensa nas mãos de seu algoz. Com a “descoberta”, a busca de sentidos pelo sujeito fica alterada pela “parada”, em razão do acontecimento inesperado. É o que ocorre com Leocádia ao recuperar a vida após o desmaio, após ser violentada. A surpresa é esse acontecimento inesperado para alguém que volta de um momento de lazer, de diversão, de relaxamento, de um passeio em que não espera encontrar pelo caminho um estuprador. A surpresa é desestabilizadora da segurança do fidalgo e sua família, “longe de pensar que algum desastre pudesse acontecer-lhes” (1971, p. 43).

Luiz Tatit afirma que a surpresa e a espera são noções que, “mesmo em suas disposições extremas, pressupõem um certo equilíbrio das funções de sujeito e de objeto” (1998, p. 54). A surpresa aqui é desencadeadora de todo um programa narrativo de tensão, de tão súbita e violenta, faz surgir além de si, como fala Tatit da vanguarda artística, “o excesso de instantaneidade” que acaba por confundir “os limites de identificação do objeto de tal maneira que adentramos repentinamente na escuridão e no silêncio” (1998 p. 54-55). Ela se manifesta no encontro, pelo rapto e pela violação de Leocádia.

Há duas esperas, a de Leocádia e a de sua família, esperas simples e fiduciárias, posto que provocaram em ambos os actantes sujeitos o “descontentamento”. Elas permitem, segundo Greimas, tratar separadamente da falta de objeto de valor e da falta fiduciária ou “crise de confiança” (1981, p. 16-19). É por isso que o semiótico lituano considera o “descontentamento” como um pivô passional, pois é o aspecto terminativo do PN (Programa Narrativo) de não conjugação do sujeito com o seu objeto de valor. A perda da pressuposta “virgindade”, e conseqüentemente, da honra, gera a “insatisfação” que, na falta de ter o seu desejo de morte suprido, se atenua e transforma-se gradualmente em “resignação”. A outra face da “insatisfação”, todavia, é favorecer ao aspecto incoativo que corresponde ao estado disjuntivo no plano narrativo e é susceptível de se transformar num “sentimento de falta”, como afirmam os semióticos. No descontentamento de

Leocádia e da família, sem alternativas, resta-lhes diminuir a tensão até que alcance a “resignação”, a “conformação”, uma forma passiva de se resolver o problema da falta. A família vive o dilema da falta de Leocádia e Leocádia vive o drama da falta da família e da honra.

Quanto a Rodolfo, é o tipo de sujeito obsessivo e obstinado em sua impulsividade, conforme vemos em Greimas e Fontanille (1993, p. 62), quando os semioticistas tratam de um excedente passional, além do universo modal, que caracteriza as paixões, como o preconceito e a intolerância. Esse “excedente modal” é explicado pela tensividade que se apresenta contida ora na liberação tensiva dessa contensão, ora fluindo. Logo, a “impulsividade” de Rodolfo pode ser traduzida como uma espécie de associação entre “querer-fazer” e “poder-fazer”, uma “maneira de fazer”. É o /poder/ de nobre que lhe outorga a possibilidade (o poder-fazer) de agir por impulso.

Aquele nobre rapaz que já tinha ido embora com os seus amigos, de repente volta, levando a “honrada família” a “desonra”, tomada por uma surpresa, uma das “desgraças que lhes levou a alegria e os fez chorar por muitos anos” (p.43). Deste modo, a honra está para a graça e a desonra está para a desgraça.

É essa “surpresa”, de caráter dual, eufórico, posto que pode ser uma surpresa boa e disfórico, porque pode ser uma má surpresa, que passamos a saber, isto é, do rapto da donzela da família do fidalgo e do conseqüente estupro, o “desastre inesperado”, que classificamos de valor negativo ao disjungir o sujeito coletivo “família honrada” de sua “honra”, pela desonra da donzela Leocádia.

Esta surpresa, tida como disfórica neste início de narrativa, opera como anti-sujeito no programa narrativo da alegria da família em seu deslocamento espacial. Como vemos, os níveis de leitura parecem imbricados e, ao mesmo tempo, sincretizados.

O que promove o deslocamento é a busca do prazer, da alegria, do divertimento do actance sujeito coletivo família e criada, seduzidos que são pelo rio

e a noite quente de verão, os folguedos que se fazem nos rios ou em suas margens. É este espaço, rio, que os faz disjungir-se de sua casa.

No Programa Narrativo da volta para casa, ocorre o inesperado. Surge, em oposição a este sujeito coletivo, pela confrontação, outro sujeito coletivo: Rodolfo, um jovem de 22 anos e seus homens que vêm na direção contrária e que, ao ver a bela Leocadia, fazem comentários sobre a donzela que acabam provocando a ira de seu pai. Ele é “um cavalheiro de uns 22 anos, a quem a riqueza, o sangue ilustre, a impudência, a liberdade excessiva e as más companhias levavam a certas coisas e atrevimento que não condiziam com sua posição e lhe davam o renome de atrevido” (p.49).

A descrição do oponente no PN de Leocádia é reveladora de uma sanção negativa cognitiva do narrador em relação ao oponente no PN de Leocádia, tido como atrevido, mesclando termos eufóricos (riqueza, sangue ilustre) e disfóricos (imprudência, liberdade excessiva, más companhias=atrevidimento) que, por extensão, no nível da enunciação, alcança à nobreza em oposição à fidalguia.

### A fidalguia e a nobreza: a inversão de valores

Para melhor entendermos as diferenças e ou semelhanças, vejamos o quadro que segue, segundo a concepção de cada um dos termos:

#### FIDALGUIA

#### NOBREZA

1. “Classe dos fidalgos”	1. “Classe dos nobres”
2. “Nobreza”	2. “Fidalguia”
3. “Chusma de fidalgos”	3. “Qualidade de nobre, de excelente, de magnânimo”. <sup>66</sup>
4. “Título ou foro de nobreza”	
5. “Modos de fidalgo”	
6. “Ação nobre”	

<sup>66</sup> <https://dicionariodoaurelio.com/chusma> visitado em 07 de Abril de 2016.

7. “Bizarria”	
8. “Generosidade”	
9. “Desprendimento”	

São nove verbetes para a fidalguia e apenas três para a nobreza, sendo que ora se assemelham, quando se vê os termos como sinônimos, ora diferem, como a classe dos fidalgos e a classe dos nobres, a qualidade da segunda que a eleva ao grau de excelente, magnânima, evocando uma superioridade, perfeição, distinção, beleza, delicadeza, magnificência, pompa e sintuosidade em oposição à gentileza, valentia, generosidade, desprendimento, independência, abnegação e altruísmo.

Se formos estudar cada um dos termos, teremos desencadeamentos passionais em cada um deles. Restringimo-nos, por agora, às suas diferenças, buscando a raiz etimológica da palavra fidalgo, termo que surge pela aglutinação de filho-de-algo, para entendermos sua designação que, em termos gerais, referia-se a uma camada social não muito bem definida que, embora considerada acima do povo e possuidora de bens, não portava o estatuto de nobre, embora os dicionários aqui consultados, tanto o Aurélio quanto o Michaelis, os tratem como sinônimos<sup>67</sup>. Essa sinonímia se justifica porque normalmente eles eram primos ou parentes de nobres, e como eles não herdavam títulos de nobrezas (pois os títulos de nobrezas eram herdados pelo filho mais velho ou herdeiro da família e seus irmãos e primos não recebiam) eles não podiam ser considerados nobres, porém não eram plebeus comuns.

O que ocorre em *A Força do Sangue*, então, é uma troca de valores, ao atentarmos para a sanção negativa atribuída à classe nobre Espanhola, por extensão, quando o narrador textual, finalmente, identifica o anti-sujeito do PN de Leocádia, como pertencente ou líder do grupo dos insolentes: “Este cavalheiro, pois - que agora, por respeito, escondendo seu nome, chamaremos de Rodolfo -, com quatro

<sup>67</sup> <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=desprendimento> visitado em 07 de Abril de 2016.

amigos, todos moços, todos alegres e todos insolentes, desciam pela mesma encosta que o fidalgo subia” (p. 49). Desta forma, os amigos de Rodolfo passam a exercer o papel actancial de sujeito coletivo coadjuvante no PN do rapto e do estupro de Leocádia por Rodolfo, porque o acompanham e o incentivam a ação que o descaracterizaria enquanto nobre de fato.

Rodolfo aparece, assim, como sujeito da dúvida, incompetente quanto à tomada da decisão isolada, atendendo ao encorajamento dos companheiros. Ao raptá-la, deixa o pobre fidalgo e sua família sem esperança e sem ajuda, uma vez que não possuem recursos financeiros para destinar a busca da filha raptada. Podemos falar, então, da categoria semântica riqueza *versus* pobreza, representada respectivamente por Rodolfo e Leocádia.

As ações que se seguem são reveladoras destes valores invertidos da nobreza que deveria também ser superior no caráter, na delicadeza, ou mesmo na generosidade e desprendimento, atributos que sobram em Leocádia, levada por Rodolfo a um quarto na casa de seu nobre pai onde ele tira a sua honra. Laocadia desmaia diante de tamanho abuso.

O deslocamento espacial, na direção oposta ao fidalgo e sua família, faz de Rodolfo e seus amigos, o grupo dos oponentes, afirmando-se, depois do insulto, o rapto de Leocádia, negando-se a sua permanência sob a proteção da família.

A euforia, para o grupo dos lobos em oposição às ovelhas, eis ai mais uma oposição, está na riqueza, no sangue ilustre, como forma de poder sobre aqueles considerados “pobres” e de sangue comum, não nobre, termos que, na regra geral, poderiam parecer como disfóricos, passam a ser eufóricos, como a imprudência, a liberdade excessiva e as más companhias, que os conduziam ao atrevimento. Há, portanto, uma inversão de valores que quebra a linearidade dos padrões éticos, como a alegria e a insolência, que passam a fazer parte do mesmo universo semântico, como fornecedores do prazer, do sadismo que acompanha as sequências da narrativa, na violentação da jovem donzela.

A oposição atrevimento *versus* reprovação surge no seu olhar, junto aos amigos, à donzela, sua mãe e a criada, um olhar de zombaria por meio de caretas. Quando já iam embora, eis que surge a imagem do rosto formoso de Leocádia que desencadeia a perturbação mental e o conseqüente desejo de possuí-la. Na incapacidade de decidir sozinho, deixou-se tomar pela força freudiana primitiva que está na atitude coletiva e com a ajuda dos amigos, decide voltar e raptar Leocádia. O rapto passa, assim, a ser eufórico, posto que vai lhe proporcionar o prazer.

É esta situação inesperada, o elemento surpresa que provoca a ruptura na normalidade do passeio de volta para casa por parte do fidalgo, sua família e a criada. É a surpresa do encontro inesperado que faz com que passem da conjunção com a euforia à sua disjunção, sendo que os oponentes lhe tiram este estado de alma e provocam a narratividade no interior destas duas primeiras seqüências, ou seja, esta mudança de estados de alma destes sujeitos discursivos. É a partir daí que toda a narrativa passa a acontecer.

### **Considerações finais**

Este trabalho teve por finalidade verificar o estatuto da surpresa na obra *A Força do Sangue* de Miguel de Cervantes, com o foco no percurso de Leocádia e Rodolfo, do passeio ao rapto e o estupro e não recontar uma história já conhecida pelo consagrado escritor espanhol.

A análise aqui realizada mostra por algumas das figuras temáticas que nos trazem à reflexão quanto aos valores e as virtudes dos seres humanos. Que valores poderiam ser outorgados à Rodolfo senão representou em seu caráter a atitude de um nobre de fato? Que valores poderíamos atribuir à Leocádia que concorda em casar-se, ao final, com Rodolfo? Qual o valor do perdão nesta trama toda?

As virtudes, aqui, são questionadas e é esse, dentre outros, um dos valores da obra de Cervantes, atualizada em nossos dias, mesmo depois de séculos que se passaram. Que existe, portanto, de exemplar em sua novela? Essa é a pergunta que

encerra esse fazer pragmático e cognitivo em busca do estatuto semiótico da surpresa e que fica para sua reflexão, caro leitor.

### Referências Bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2011.

\_\_\_\_\_. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo. Humanitas, USP, 2001.

CERVANTES, Miguel. *Novelas Ejemplares*. Edición de Jorge Garcia Lopez. Tradução de Darly Nicolana Scornaienchi Com licença da Editôra Boa Leitura, São Paulo, detentora do Copyright para a língua portuguesa. 2ª Edição, 1971 disponível em Digital Source <http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática. 1996.

\_\_\_\_\_. *PAIXÕES, AFETOS, EMOÇÕES E SENTIMENTOS*. Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 5.n.2, dezembro de 2007.

FONTANILLE, Jacques & ZILBERBERG, Claude *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas, FFLCH- USP. 2001.

FONTANILLE, Jacques & GREIMAS; Algirdas Julien. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática. 1993.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto.2011.

GREIMAS, Algirdas Julien. *De la colère. Études de sémantique lexicale. Actes Sémiotiques*. Documents, Paris III (27). 1981.

\_\_\_\_\_. *MAUPASSANT, A Semiótica do Texto: Exercícios práticos*. Trad. Teresinha O. Michels e Carmen L.C.L. Gerlach. Ed.UFSC, Florianópolis, 1993.

GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial. 2001.

\_\_\_\_\_. *Musicando a Semiótica. Ensaios*. São Paulo, Annablume. 1997.

ZILBERBERG, Claude. *Eléments de grammaire tensive*. Limoges: Pulim. 2006.

Recebido em 19/01/2017.

Aceito em 25/03/2017.